



## **A LITERATURA INDÍGENA E O MEIO AMBIENTE: AS CONTRIBUIÇÕES DE AILTON KRENAK**

**Yvyna Wyllyanne de Almeida Brandão<sup>1</sup>; Poliene dos Santos Bicalho<sup>2</sup>**

**<sup>1</sup> (IC) Discente do Curso de História, PIBIC/CNPq, Unidade Universitária de Ciências Socioeconômicas e Humanas. E-mail: yvynaeyllyanne1070@gmail.com**

**<sup>2</sup> (PG) Orientadora e docente no curso de História e do Programa de Pós-Graduação em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (PPGTECCER/UEG), Universidade Estadual de Goiás, Anápolis/GO.**

Av. Juscelino Kubitschek, nº 146 - Bairro Jundiá - Anápolis-GO.  
Caixa Postal: 459. CEP: 75.110-390.

**Resumo:** O projeto de pesquisa ao qual este relatório final está vinculado, Literatura Indígena no Cerrado e na Escola: conhecer para reconhecer, tem como proposta salientar as contribuições da Literatura Indígena para a formação e conscientização étnico-cultural da sociedade abrangente. Para tanto, partiu-se da análise de obras literárias de autoria indígena, com foco nas obras do indígena e ambientalista Ailton Krenak, pois a História do Brasil é ensinada pelo olhar do não indígena, e a escrita indígena pode ajudar a mudar esta prática. Buscou-se, com esta pesquisa, maior abertura com os diálogos literários, a fim de se apreender e respeitar as diferentes formas, cores e vivências dos povos indígenas, de modo a reavaliar e desmistificar esse pensamento eurocêntrico do colonizador em relação aos indígenas, que vigora ainda hoje e que 'generaliza' os povos originários.

**Palavras-chave:** Meio Ambiente. Literatura Indígena. Povos Indígenas. Natureza. Ailton Krenak.

### **Introdução**

Os livros literários escritos por autores indígenas, além do cuidado com a singularidade de cada "grupo", evidenciam a ligação homem e natureza, que perpetua, de forma íntima, com a sociedade indígena, uma relação de respeito e pertencimento à flora/fauna, de maneira harmônica e justa. A perspectiva ocidental de que a literatura é somente aquela escrita ou que pode vir a ser escrita, gerou um impasse para os povos originários – cuja tradição literária está fincada na oralidade –, o que ocasionou a exclusão destes povos do universo literário por muito tempo, porém, a partir de 1980 isso começou a mudar.

Para Janice Cristine Thiél, especialista em Literatura Indígena brasileira e doutora pela Universidade Federal do Paraná, "A literatura tem suas raízes na tradição oral" e a literatura indígena também surgiu com a oralidade, e "envolve não só a palavra dos contadores de história, sua voz, entonação, mas elementos como dança, música, ilustrações, bem como elementos de tradição ocidental de compor narrativas, poemas, entre outros gêneros literários..." (THIÉL, 2012, p. 211).

O que se compreende desta reflexão é que, ao considerar literatura apenas o





escrito, enquadrado no modelo eurocêntrico ocidental de literatura, acaba-se criando um apagamento das expressões literárias dos povos nativos, pois a noção de literariedade é cultural, conforme ressaltam Almeida e Queiroz (2004, p. 199). Nesta perspectiva, buscou-se compreender o processo de escritura da Literatura Indígena e as suas relações com o Meio Ambiente e as histórias que cercam as populações indígenas, no passado e no presente, de modo a identificar as principais características e temas desse importante mecanismo, a Literatura, de difusão e compreensão das vivências, histórias e culturas indígenas do Brasil.

Para tanto, selecionou-se um autor indígena originário de uma área de transição de Mata Atlântica e o Cerrado mineiro, e de grande destaque nacional e internacional. Trata-se de Ailton Krenak, indígena do povo Krenak, originário das águas do Rio Doce, que além de ser uma importante liderança indígena nacional – com participação ativa no Movimento Indígena desde a década de 1970 –, é também uma voz que grita em socorro ao meio ambiente, falando sobre a relevância dos saberes indígenas para a continuidade da vida no planeta. Por isso, optou-se por falar da Literatura Indígena a partir de suas obras, que tão bem retratam a natureza, a partir das experiências desse povo.

Nesse estudo, foram lidas e analisadas as obras do autor, das quais se buscou extrair, de modo geral, sua visão da natureza e o do ser humano. Tais obras surgiram de palestras e rodas de conversa, das quais o autor participou e que remetem bem ao cenário que estamos vivenciando. O consumismo é um dos maiores causadores de doenças na terra que habitamos, pois, em função dele, tem aumentado a extração de matéria-prima sem reposição e o descarte inadequado dos lixos eletrônicos e descartáveis, o que está poluindo toda atmosfera.

### Material e Métodos

•Leitura e análise das obras de Ailton Krenak: **A Terra pode nos deixar para trás e seguir o seu caminho** (2020); **Caminhos para a cultura do Bem Viver** (2020); **Ideias para adiar o fim do mundo** (2019); **O amanhã não está à venda** (2020); **Radicalmente Vivos** (2020); **Retomar a história, atualizar a memória, continuar a luta** (2018); •Leitura e análise bibliográfica tendo em vista a contribuição da narrativa





do indígena Ailton Krenak para a construção de uma relação mais construtiva com o Meio Ambiente.

### Resultados e Discussão

Em **O amanhã não está à venda** (2020), Ailton Krenak nos fala sobre a importância da Natureza e de sua preservação para as futuras gerações, fazendo um paralelo com a situação que estamos vivenciando, a COVID-19, e a lição trazida pelo confinamento, que nos faz refletir sobre a nossa capacidade de adiar os afazeres (no geral, atividades voltadas à natureza), acomodados e sucumbidos ao consumismo, “hoje estamos todos diante da iminência de a Terra não suportar a nossa demanda” (KRENAK, 2020. p. 5), criando a sua própria defesa. Uma das lições mais importantes do livro, defendida pelos indígenas, é exatamente a da ligação entre homem-natureza, demonstrando que o equilíbrio entre eles é urgente e necessário.

Em todas as obras de sua autoria lidas, o autor deixa evidente que essa separação entre o cosmo e o ser humano está errada, pois somos parte de um todo, homem e natureza estão interligados; embora o homem tenha criado um muro de separação entre os outros – animais e natureza –, que vem gerando um abismo, uma queda profunda. Na obra **Radicalmente Vivos** (2020), fala-nos sobre o desafio que vivenciamos ao tentar desacelerar o nosso consumo, pois, a todo momento, são lançadas novas “coisas”, como eletrodomésticos e vestuários, como se precisássemos de tudo isso, criando uma necessidade imaginária, e o pior, sem fim. É aí que ele nos convida a adiar esse fim do mundo, ou vários fins de mundos, que são apresentados à nossa frente.

Nesse livro, Ailton Krenak nos convida à experiência de acolher algo simples e oferecido em abundância pela mãe Natureza, o observar a folha da árvore cair, o balanço que o vento faz, o transcorrer da água do rio, que leva a folha como a mãe carrega o bebê, e sem parada, segue o agir da vida na total imprevisibilidade. Penso no quanto viver no automático nos faz apenas abaixar a cabeça e não observar o que acontece ao redor, inclinamo-nos apenas para tela do celular, e deixamos de ver e sentir todas essas experiências sensoriais essenciais à nossa sobrevivência.

Com a pandemia de COVID19, milhares de pessoas morreram pela falta de





ar, esse bem amor que nos é ofertado gratuitamente pela natureza e que só percebemos o seu real valor quando “necessitamos” muito dele. Toda essa situação horrenda nos alertou para o fato de que estamos todos ligados ao Universo, portanto, nossas relações com ele precisam mudar. O consumismo exagerado, ditado por capitalistas assassinos do sistema ecológico, precisa ser freado, sob o risco real de nossa própria destruição.

Temos mania de sermos espectadores da destruição do mundo, incapazes de mudar o nosso destino, e clamamos por “respeito aos povos indígenas”, como se não fosse o nosso estilo de vida o responsável pela destruição da cultura e das casas desses povos. E é por isso que os indígenas têm muito a ensinar, por que eles, ao contrário da maioria dos não indígenas, se sabem parte de uma terra viva, de um organismo vivo, onde tudo é equilíbrio. Para Ailton Krenak, o bem viver recai sobre essa difícil experiência: o que “extraímos” da vida, da natureza e o que podemos devolver, um balanço que exige sensibilidade, afinal, a Terra nos proporciona o suficiente, não podemos ser uma retroescavadeira, somos seres vivos de uma terra viva.

### Considerações Finais

Ailton Krenak é um dos maiores ativistas indígenas do nosso tempo, que ressalta em sua narrativa a importância da relação entre ser humano e natureza, lembrando-nos que somos seres vivos em uma Terra viva, portanto, estamos interligados. Sua narrativa destaca que o problema maior do mundo é o consumismo inerente ao sistema capitalista que nos entrelaça. Analisar as obras desse esplêndido autor é um convite à observação do nosso tempo e práticas, sob uma perspectiva diferente do jeito que estamos vivendo e do que queremos deixar para a próxima geração. Sabemos que os povos originários tiveram seu “mundo”, em grande medida, destruído, com a chegada dos portugueses; e hoje, vários deles lutam e persistem para manter seu modo de vida, com o qual temos muito a aprender.

Ele nos alerta o tempo todo, “Escuta essa vida” (KRENAK, 2020, p. 26-27), escuta o rio que vinha dando sinais, cujas enchentes eram recorrentes e a cada ano maiores – como tem sido em outros lugares do Brasil e do mundo, recentemente na





Alemanha e no estado do Amazonas, aqui no Brasil –, indicando que algo não estava indo bem há muito tempo. Por que será que é tão difícil, para nós, não indígenas, entendermos esses recados? Nas obras de Ailton Krenak fica evidente a ligação que os originários têm com a natureza: “Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmo é natureza. Tudo que consigo pensar é natureza” (KRENAK, 2019, p. 10).

#### Agradecimentos

Quero agradecer à minha orientadora, que conduziu o trabalho com paciência e dedicação, sempre disponível a compartilhar todo o seu vasto conhecimento; à UEG, pelo evento e a oportunidade de participar; ao CNPq, pela bolsa concedida; aos familiares e amigos, que me apoiaram e compartilharam de todos os momentos, direta ou indiretamente, meu muito obrigada!; e a mim mesma, por ter acreditado e continuado, principalmente pelo ano conturbado que vivenciamos e no qual perdemos tantas e tantas pessoas.

#### Referências

KRENAK, Ailton. **A Terra pode nos deixar para trás e seguir o seu caminho**, 2020. <https://www.ufrgs.br/jornal/ailton-krenak-a-terra-pode-nos-deixar-para-tras-e-seguir-o-seu-caminho/>

\_\_\_\_\_. **Caminhos para a cultura do Bem Viver**, 2020.

\_\_\_\_\_. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

\_\_\_\_\_. **O amanhã não está à venda**. Companhia das Letras, 2020.

\_\_\_\_\_. **Os frutos do discurso que comoveu o país - Believe Earth**. (<https://believe.earth/pt-br/ailton-krenak-os-frutos-do-discurso-que-comoveu-o-pais/>) Acessado:27/10/2021.

\_\_\_\_\_. **Radicalmente vivos**. O lugar. 2020 (derivado da palestra <https://olugar.org/vivos/>)

\_\_\_\_\_. **Retomar a história, atualizar a memória, continuar a luta**. Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção [recurso eletrônico] / Julie Dorrico; Leno Francisco Danner; Heloisa Helena Siqueira Correia; Fernando Danner (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

WAPICHAMA, Cristiano. Por que escrevo? - Relato de um escritor indígena. DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.) **Literatura indígena brasileira contemporânea**: criação, crítica e recepção [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

